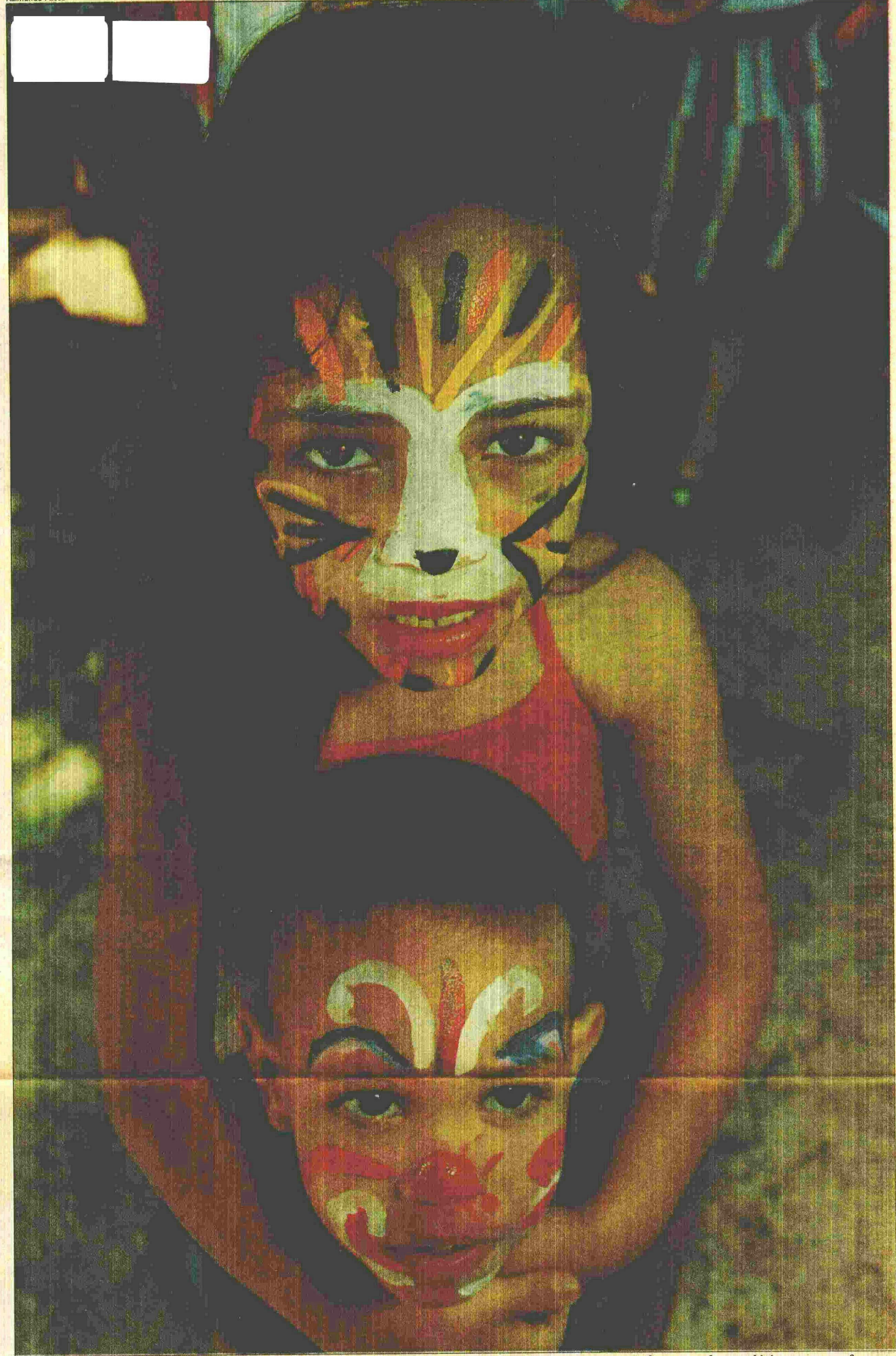


MARKETING DA CARA E DA CORAGEM

Raimundo Pacci



Crianças de 2 a 7 anos em clima de festa no parque: pintam e desenhavam, enquanto os pais conversam e se informam sobre o colégio com os professores

João Luiz Marcondes
Da equipe do **Correio**

A Associação Pró-Educação *Vivendo e Aprendendo* é uma escola, só que um pouquinho diferente das convencionais. Para atrair novos alunos, não fez anúncio na tevê, em estações de rádio ou nos jornais. Não apareceu sequer em um *outdoor*. “Não temos dinheiro para essas coisas, por isso tivemos que usar de criatividade, esforço e paixão”, confessa Carla Autuori, professora da instituição há 16 anos.

A solução encontrada foi pegar as crianças de 2 a 7 anos, o público alvo da escola, pelo ponto fraco, ou seja: a brincadeira. A diretoria, formada por pais e professores, organizou ontem pela manhã, no Parque da Cidade, um rodízio de atividades. Assim, os pais que passeavam com seus filhos puderam conhecer a filosofia do colégio e, quem sabe, matricular uma criança, posteriormente. A associação funciona como uma cooperativa educacional e, por isso, não tem um dono.

Quem se divertiu, claro, foi a garotada, que, além de desenhar em papel pardo, pintou o rosto, os braços, as pernas e tudo que viesse pela frente. “O sapato não pode”, ralhava a vovó Sílvia Pereira com o neto Pedro, de um ano e sete meses. Mas era tarde demais. O garotinho já havia rebocado seu tênis, todo preto, de tinta guache azul-claro.

Sílvia, que tem apenas 39 anos, é paranaense e trabalha como funcionária da Câmara Federal, achou ótima a oportunidade de levar o neto para um programa diferente. “Passeio com ele em *shoppings*, feiras e aqui no parque, mesmo. Mas nunca para uma atividade destas. Ele está se divertindo à beça”, diz a vovó garotona, com óculos de sol e boné, que toma conta de Pedro pelo menos uma vez por semana, a fim de que os pais dêem uma escapadinha. “As crianças de Brasília vivem arquivadas em apartamentos. Precisam de um programa desses, de vez em quando”.

A proposta do *Vivendo e Aprendendo*, que existe há 16 anos e conta atualmente com 250 estudantes, entre o maternal e a pré-alfabetização, é justamente dar mais liberdade de escolha para as crianças. Os professores (sempre um casal por sala de 16 alunos) são, em geral, psicólogos, ar-

tistas plásticos, atores, entre outras atividades.

“A diretoria é formada por professores e pais, que decidem sobre a educação dos próprios filhos. A mensalidade (de R\$ 235,00) não é cobrada com a intenção de lucro, mas apenas para suprir as necessidades do colégio”, garante Mônica Nogueira, antropóloga, que é presidente da associação onde estuda sua filha Thalassa, de cinco anos.

Nenhuma matrícula chegou a ser concretizada. “O objetivo maior é divulgar”, diz Mônica. Alguns pais se interessaram pelas propostas educacionais, enquanto os filhos se distraíam pintando, fazendo bonecas de jornal e/ou ouvindo histórias infantis.

O comerciante Salvador Alves da Silva, que está desempregado, costuma trazer os dois filhos pequenos para brincar no parque aos domingos. “Moramos em São Sebastião, e lá a garotada não tem com o que se divertir”. A maiorzinha Sara, de 5 anos, que estava pintada de tigresa, já estudou em colégio particular, mas quando o pai perdeu o emprego foi transferida para um Caic. “Ela está tendo um ensino razoável, eu diria. Os professores e a direção da escola são um pouco relaxados”, comenta ele, que também é pai de Lucas, dois anos, pintado com uma carinha de palhaço. “Achei interessante essa ideia de os pais participarem da diretoria. Dá para acompanhar o ensino mais de perto”. Durante o tempo em que permanecer desempregado, no entanto, os filhos continuam na escola pública.

Enquanto seus pimpolhos desfrutavam das brincadeiras no parque, a professora Romilda Lima de Souza Lima de Souza, 33 anos, que trabalha em Samambaia e mora em Taguatinga, ouvia o pessoal do *Vivendo e Aprendendo*. Ficou interessada. “No colégio público, dizem que é aplicado o método construtivista, mas os professores não seguem. Na escola particular a criança não desenvolve a sensibilidade crítica e social”, comenta.

O caçula Guilherme, de 4 anos, reclama. Quer ir à escola, mas a mãe não acha o lugar ideal. “Para mim, a criança deve aprender brincando e desenvolver o lado crítico”, conclui ela, que levou os dois filhos, a mãe, o sobrinho, além do marido — que é surdo-mudo — para o domingo legal do Parque da Cidade.